

**UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**

**Daniele Mees Valério**

**REFLETINDO SOBRE O ENSINO DA ARTE  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CURITIBA

2011

**REFLETINDO SOBRE O ENSINO DA ARTE  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

CURITIBA  
2011

**Daniele Mees Valério**

**REFLETINDO SOBRE O ENSINO DA ARTE  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ensino das Artes Visuais: Práticas Pedagógicas e Linguagens Contemporâneas da Faculdade de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

Orientador Prof. Ms. Josélia S. Salomé.

CURITIBA  
2011

**TERMO DE APROVAÇÃO**  
**Daniele Mees Valério**

**REFLETINDO SOBRE O ENSINO DA ARTE**  
**NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Esta monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Especialista em Artes Visuais do Curso de Pós-Graduação *latu sensu* Ensino das Artes Visuais: Práticas Pedagógicas e Linguagens Contemporâneas da Universidade Tuiuti do Paraná.

Curitiba, 14 de março de 2011.

Prof. Ms. Renato Torres  
Coordenador do Curso de Pós-Graduação Ensino das Artes Visuais: Práticas Pedagógicas e  
Linguagens Contemporâneas  
Universidade Tuiuti do Paraná

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Drda. Josélia Schwanka Salomé  
Universidade Tuiuti do Paraná  
Curso de Pós-Graduação Ensino das Artes Visuais:  
Práticas Pedagógicas e Linguagens Contemporâneas

Banca: Profa Ms. Camilla Carpenezzi La Pastina  
Universidade Tuiuti do Paraná  
Curso de Pós-Graduação Ensino das Artes Visuais:  
Práticas Pedagógicas e Linguagens Contemporâneas

Ao Prof. Ms. Renato Torres, Coordenador do Curso de Especialização em  
Ensino das Artes Visuais, pela atenção e disponibilidade;

À Prof. Ms. Josélia S. Salomé, pela paciência  
e presteza na orientação;

Aos meus pais, marido e filhas, pelo carinho, apoio  
e compreensão.

Muito obrigada!

Dedico esse trabalho às minhas filhas Ana e Helena,  
Por ter me inspirado a pesquisar  
sobre o universo infantil.  
E ao Anderlin, meu marido,  
por ter me incentivado a voltar estudar.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01- CAMINHO: .....	12
FIGURA 02 - PASSEIO: .....	12
FIGURA 03 – BRINCANDO NO JARDIM: .....	15
FIGURA 04 - GARATUJA: .....	16
FIGURA 05 - EU E ANA: .....	18
FIGURA 06 - VAMOS COLORIR E ENFEITAR: .....	19
FIGURA 07 - MEIO DE TRANSPORTE: .....	20
FIGURA 08 - PINTANDO NA TELHA: .....	23
FIGURA 09 - FLORES: .....	30
FIGURA 10 – ATELIER: .....	32
FIGURA 11 – ATELIER 2: .....	33

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: .....	09
2. ARTE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: .....	11
3. METODOLOGIA E ENSINO DA ARTE: .....	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: .....	35
5. REFERÊNCIAS: .....	37



## 1. INTRODUÇÃO

A preocupação com a situação do ensino da Arte nas escolas, principalmente na Educação Infantil foi o que me motivou e orientou o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa nesta área. Foi meu olhar de mãe, através da análise de algumas atividades desenvolvidas pelas minhas filhas na escola, que suscitou para que a pesquisa seguisse este caminho.

Refletindo sobre o tema, busquei desenvolver uma pesquisa com a proposta de investigar como o ensino da arte vem sendo aplicado no espaço educativo formal, na fase da educação infantil, articulando a esta discussão as propostas de aulas de arte em ateliers livres.

No primeiro capítulo são apresentados alguns fatores relevantes quanto à importância do ensino da arte para o desenvolvimento da criança. Como embasamento para esta discussão, utilizei como referência Lowenfeld que se destacou com o estudo das fases do desenho e a importância da atividade criadora para o desenvolvimento da criança.

Neste capítulo são apresentados alguns problemas observados por Ana Mae Barbosa e João Francisco Duarte Junior, quanto à formação de professores e metodologia aplicada na educação infantil, são explorados alguns trechos destes autores como embasamento para a discussão.

No segundo capítulo apresento alguns modelos de ensino que têm dado resultado no ensino da arte. Como exemplo o método utilizado nas escolas da Itália, o método de Madalena Freire e o método de Fernando Hernandez, ambos buscam incentivar a exploração do ensino da arte de maneira mais flexível e dinâmica.

Sugere-se a elaboração de projetos como metodologia para o ensino da arte para crianças por ser um método que explora com maior profundidade cada tema, tendo como diferencial a flexibilidade no currículo e um maior envolvimento entre alunos, professores e instituição.

A partir desta pesquisa pretendo discutir a respeito da necessidade de um ambiente voltado a arte como possibilidade de experimentação expressiva da criança nesta faixa de escolarização. Um espaço de artes, dentro da escola, contendo ateliês de experimentação de várias linguagens artísticas, proporcionando vivências lúdicas significativas para a sua formação.

## 2. ARTE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Desde a primeira infância a criança utiliza o desenho para a representação da realidade. “Desenhar, pintar ou construir constitui um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo”. (LOWENFELD, 1977, p. 13)

Este processo de criação em que a criança faz a seleção, interpretação e reformulação dos elementos é de extrema importância, pois ela direciona para o trabalho artístico parte de si própria expressando seus pensamentos, sentimentos e emoções. Portanto nesta fase é importante que a criança tenha a liberdade de se expressar sem que haja a interferência do adulto, no sentido de influenciar e direcionar a criança a utilizar determinado esquema de cores ou até mesmo na maneira de pintar formas prontas. Sem perceber, o adulto interfere no processo criativo e inibe a criança a utilizar a arte como meio de auto-expressão. (LOWENFELD, 1977).

Quando cito a questão da interferência, vale salientar que ela pode ser construtiva ou destrutiva. A crítica relatada acima se refere à interferência destrutiva, na qual o adulto acaba influenciando negativamente o processo de criação da criança.

Nas figuras abaixo, a interferência do adulto foi construtiva, pois ele disponibilizou os materiais (papéis, tintas e pincéis) e deixou livre para que a criança pudesse explorá-los conforme sua vontade. Helena (figura 01) misturou a tinta sobre o papel e optou por deslizar os dedinhos para desenhar, já Ana (figura 02) misturou menos tinta e preferiu o pincel para concluir sua pintura. Ambas receberam os mesmos materiais, mas seguiram caminhos diferentes na sua criação.



Figura 01: Caminho  
Helena, 4 anos  
Fonte: Arquivo pessoal, 2010



Figura 02: Passeio  
Ana, 4 anos  
Fonte: Arquivo pessoal

Ao se pensar em desenvolvimento e aprendizagem destacamos Lev S. Vygotsky, teórico sócio-interacionista que construiu a sua teoria com base no desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, ou seja, o indivíduo adquire conhecimento a partir de sua interação com o meio.

Sabe-se que nos dias atuais as crianças estão indo para a escola cada vez mais cedo. Esse fato pode ser observado a partir da pesquisa publicada na Gazeta do Povo em setembro de 2009:

Em 1992, o país tinha 45% das crianças, com idade entre 4 e 6 anos, matriculadas em uma escola. Este porcentual saltou para 79,8% em 2007, conforme levantamento feito pela Escola de Economia de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O Paraná avançou em ritmo ainda maior: passou de 24,45%, em 1992 para 72,8%, em 2007. (GAZETA DO POVO, 2009).

Isso se deve devido ao desejo de independência que as mães estão buscando, deixando de lado os afazeres domésticos e se inserindo cada vez mais no mercado de trabalho, deixando a cargo da escola a responsabilidade de assumir a educação integral das crianças.

Partindo desta análise, pode-se afirmar que além do aprendizado adquirido nas interações familiares as crianças também recebem informações no ambiente escolar. Portanto é neste ambiente que a criança ficará boa parte de seu tempo e é este ambiente que deverá proporcionar experiências significativas para o seu desenvolvimento.

Como nesta fase as crianças precisam ser incentivadas a vivências lúdicas, significativas, que explorem a criação, a emoção e a sensibilidade, é no ensino da arte que ela terá o contato com estes elementos fundamentais para a construção humana.

A arte é a área do conhecimento que abrange o desenvolvimento e a prática da linguagem visual. É durante esta disciplina que a criança terá o contato com esta linguagem, gradativamente, de acordo com a sua idade. Além de oferecer oportunidade de auto-expressão, as artes visuais são consideradas um importante meio para o **desenvolvimento social**, pois é através das aulas de artes que ocorrem importantes possibilidades de interações sociais e trocas de experiências. - **desenvolvimento físico**, em que se manifesta a capacidade de coordenação visual e motora da criança, na maneira que controla seu corpo, orienta seu traço e dá expressão a suas aptidões. - **desenvolvimento intelectual**, pode ser demonstrado de acordo com o conhecimento que está à disposição da criança quando desenha, é apreciado na compreensão gradativa que a criança tem de si próprio e do seu meio. - **desenvolvimento emocional**, neste caso o desenvolvimento está diretamente relacionado à intensidade que a criança tem com sua obra, que pode variar entre baixo nível de envolvimento, com repetições estereotipadas e alto nível de envolvimento quando está empenhada em retratar algo realmente importante pra ela. – **desenvolvimento estético**, pois são capazes de organizar o pensamento, a

sensibilidade e a percepção para a expressão de um todo coeso - **desenvolvimento perceptual**, onde a conscientização da variação da cor, das formas, dos contornos e texturas pode ser progressiva na medida em que o contato com essas e outras experiências perceptuais lhe é apresentado. E **desenvolvimento criador**, pois desde os primeiros rabiscos as crianças são capazes de inventar suas próprias formas e colocar nelas algo de si própria. (LOWENFELD, 1977).

Mas deve-se estar muito atento quanto à faixa etária e o nível de desenvolvimento das crianças no que se refere ao ensino das artes, pois cada aluno traça um percurso de criação e evolução individual aprimorado pelas experiências pessoais e o educador tem um papel fundamental nesse momento, pois é ele quem deverá enriquecer este percurso estimulando atividades criativas/educativas que instiguem o senso crítico e o desenvolvimento cognitivo, pensadas para cada nível de desenvolvimento.

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o ponto de partida para o estímulo às práticas criativas é o desenho.

Para a criança um lápis pressionado a um pedaço de papel pode significar muito além do que meros rabiscos, pois é através do desenho que ela vai expressar suas idéias, pensamentos e emoções. Desenhar, para ela, é tão natural e prazeroso quanto brincar.

Na imagem abaixo (figura 03), Ana dedica boa parte de seu tempo a desenhar e colorir seu desenho. Segundo ela, o desenho retrata seus amigos brincando no jardim. Pode-se observar que Ana representa as nuvens de formas variadas, brincadeira muito comum em que procuramos imagens com as formas das nuvens. Além de colori-las de roxo, diferente do que é considerado padrão.



Figura 03: Brincando no Jardim – Ana, 04 anos.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2010.

Segundo Sans, “Para a criança, brincar e desenhar são atividades importantes que a envolvem por inteiro e a fazem viver intensamente esses momentos, criando e recriando a realidade” (SANS, 1995).

O desenho infantil passa por algumas fases de desenvolvimento, ou seja, na medida em que as crianças mudam sua forma de representação também se transforma. O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas por idade, descritas por Lowenfeld e Brittain. A fase das garatujas acontece, geralmente, na fase dos dois a quatro anos de idade.

A criança pequena que começa a fazer seus primeiros rabiscos no papel está na fase das **garatujas desordenadas**. Nesta fase a criança percebe e representa algo, contudo a sua representação não está dentro dos “padrões aceitáveis pelos adultos. Ela pode estar distraída com algum estímulo externo e

mesmo assim continuar garatujando. Os traços são ocasionados pelos movimentos dos braços para frente e para trás e variam de comprimento e direção, normalmente ultrapassando a folha de papel. Na imagem abaixo (figura 04), exemplo de garatuja desordenada.



Figura 04: Garatuja - Leonor 18 meses  
Fonte: <http://didaticasemminiatura.blogspot.com>

O ato de garatujar é um motivo de extremo prazer para a criança, ela irá desfrutar desta atividade com imenso fascínio. A partir do momento em que os traços vão se tornando mais ordenados e organizados estarão na fase das **garatuja controladas**; a coordenação entre o desenvolvimento visual e motor representa uma grande conquista. Nesta fase a criança irá perceber que existe uma ligação entre o movimento e os traços que faz no papel. As garatuja já acontecem com maior entusiasmo e as crianças poderão permanecer por mais tempo envolvidas com seu desenho, pois já serão capazes de descobrir alguma relação entre o que desenharam e o seu meio.



A partir do momento em que a criança começa a nomear suas garatujas estará na fase de **atribuição de nomes**; neste momento, a criança passa não somente a pensar o desenho como um movimento impresso no papel; agora estes traços terão intenção de representar o mundo a sua volta. “Nesta fase, a criança anunciará o que vai desenhar (“Eu agora vou fazer um gato”), ou ocasionalmente, o desenho desenvolver-se-á a partir dos primeiros traços de exploração no papel.” (LOWENFELD, 1977)

Serão traços mais ordenados; poderão ocupar a folha toda e normalmente será anunciada a intenção antes de iniciar a garatuja. Essa passagem, essa transformação é possível graças às interações da criança com o ato de desenhar e o contato com o desenho de outras crianças. Desta maneira, a partir dos seus desenhos as crianças criam formas expressivas, recriam, brincam de faz-de-conta, e instigam a imaginação e a sensibilidade.

A fase pré-esquemática acontece dos 4 aos 6 anos. Segundo Lowenfeld este é o momento em que a criança descobre a relação entre desenho, pensamento e realidade. Ela começa a representar coisas de sua realidade e a exprimir sua fantasia, desenhando vários objetos ou o que imagina deles.

Na imagem abaixo (figura 05), Helena representa ela e sua irmã gêmea Ana. Neste desenho ela já organiza bem os elementos no espaço. Já existe a delimitação de céu e chão e ela preenche a composição com mais elementos que têm relação com a realidade, como a árvore contendo frutos, o sol, a nuvem e as flores.



Figura 05: Eu e Ana – Helena 05 Anos  
Fonte: Arquivo Pessoal - 2011

Além do desenho com grafite, lápis de cor e lápis de cera a experimentação de diferentes materiais enriquece a prática das aulas de artes, pois as crianças poderão perceber as diferentes texturas, diferentes suportes e terão a possibilidade de transformação, de re-utilização e criação de diferentes formas o que será significativo para o seu percurso de desenvolvimento cognitivo e expressivo

Portanto o educador tem de estar preparado para saber propor atividades significativas com a utilização de diferentes materiais para o desenvolvimento criativo da criança.

Segundo Ana Mae Barbosa:

É preciso que os professores saibam que não é qualquer método de ensino da arte que corresponde ao objetivo de *desenvolver a criatividade*, da mesma maneira que é preciso localizar a arte da criança no complexo mais totalizante da criatividade geral do indivíduo. (1990, p. 89)

Diante desta afirmação é importante discutirmos a maneira como o ensino da arte vem sendo aplicado nas escolas e o quanto pode ser prejudicial à interferência inibidora do adulto no processo criativo da criança.

Na educação infantil existem inúmeras possibilidades de propor atividades que explorem o desenvolvimento das crianças, mas ainda há escolas que utilizam materiais que tem como suporte os desenhos prontos. E como se não bastasse, as crianças são conduzidas a obedecer aos contornos e usar determinada cor, ou seja, alguns professores não estão possibilitando o trabalho com a expressão individual da criança.

Como se pode ver na imagem (figura 06), uma atividade escolar das minhas filhas em que a proposta era “colorir e enfeitar”, a professora indica com setas os locais que devem ser preenchidos com determinado material.

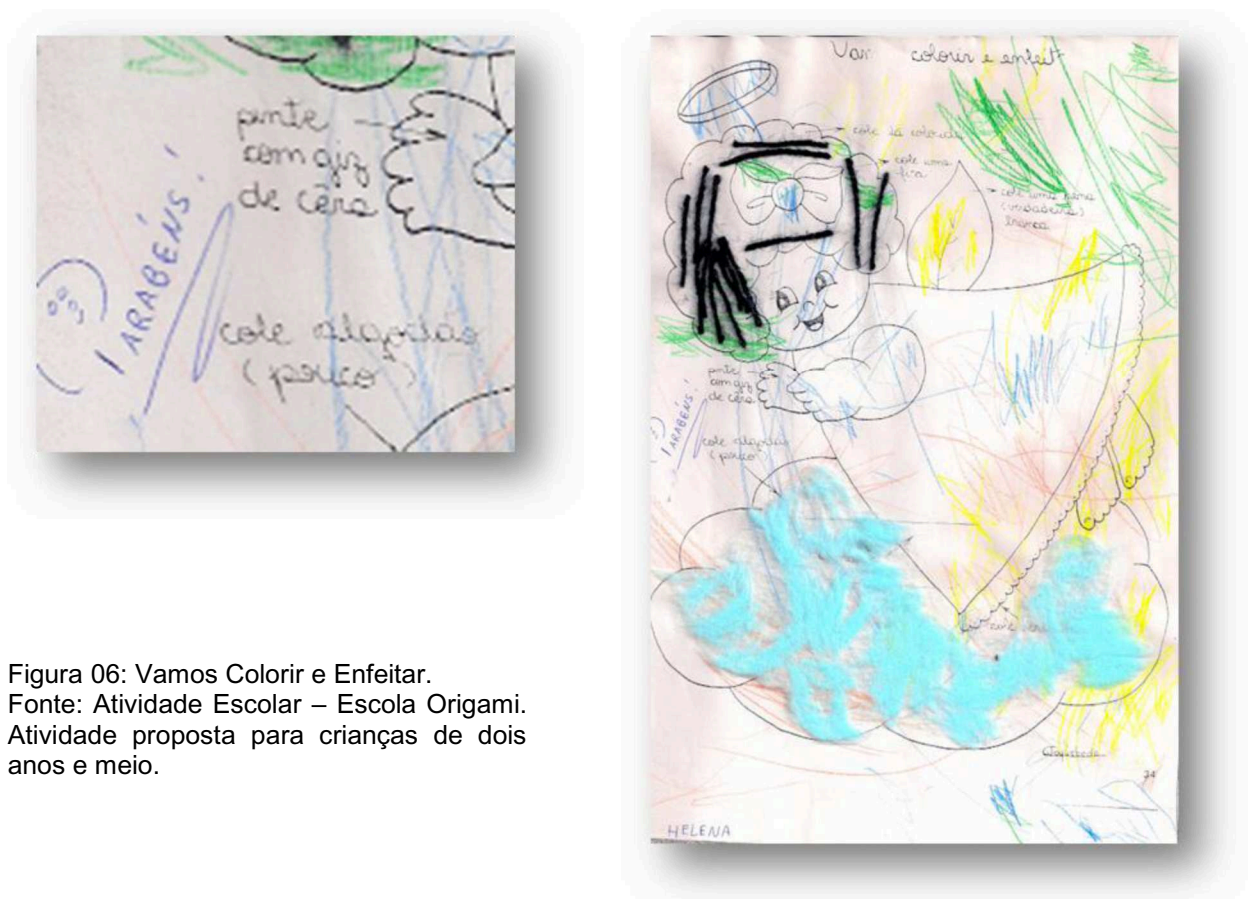


Figura 06: Vamos Colorir e Enfeitar.  
 Fonte: Atividade Escolar – Escola Origami.  
 Atividade proposta para crianças de dois anos e meio.

Segundo Lowenfeld, este tipo de atividade é inibidora no sentido que “a criança, obrigada a seguir determinado contorno, acha-se impedida, por nós, de resolver, criativamente, suas próprias conexões”. (LOWENFELD, 1977).

Para esta observação vale ainda transcrever as palavras de Dallari, “a criança que não puder fazer suas experiências e que não tiver qualquer oportunidade de cometer seus próprios erros não estará gozando plenamente do direito de viver” (DALLARI, 1986, p. 59 citado por SANS, 1995, p.20).

Outro fato importante, também observado nas práticas escolares com a educação infantil é que alguns professores estão preocupados com a beleza estética do produto final, com a utilização “correta” das cores, quando o que deveria importar, segundo Lowenfeld, é o “processo da criança – o seu pensamento, os seus sentimentos, em suas percepções, em suma, as suas reações ao seu ambiente”. (1977, p.19)

Este fato pode ser observado na imagem abaixo (figura 07), não satisfeita com a maneira de representar o meio de transporte, a professora interfere na garatuja da Ana e desenha por cima um ônibus.

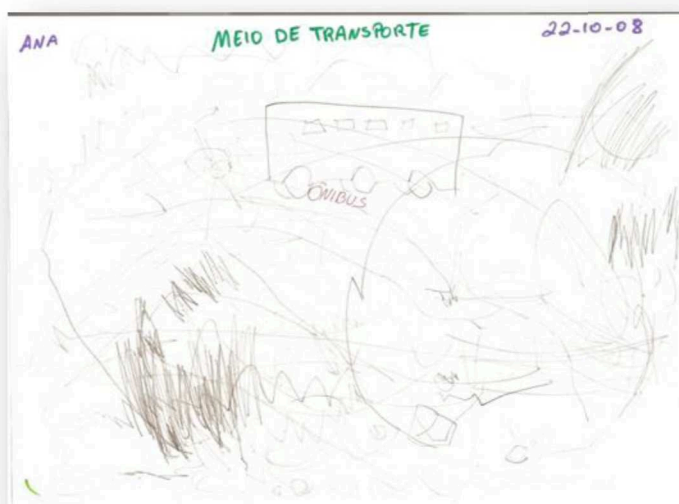


Figura 07: Meio de Transporte – Ana, 02 anos e 10 meses.  
Fonte: Atividade Escolar, CEI, 2008.

Um aspecto que contribui para essa visão de arte como produto e como esteticamente belo, é a não formação dos professores na área de arte.

Segundo Duarte Junior, a formação do professor polivalente tem se revelado deficitária, sendo difícil que apenas um profissional possa trabalhar com todas as áreas. E isto acaba por fazer com que os professores desenvolvam atividades que não conhecem bem, apenas para cumprir as formalidades da instituição. O professor muitas vezes é leigo e não compreende exatamente o significado da arte e desconhece a metodologia adequada. (DUARTE JR, 1988)

Normalmente para o professor despreparado a atividade artística é considerada como hora de lazer e recreação, não sendo dada a devida importância para esta área do conhecimento.

Para orientar o modo como as aulas de artes podem ser aplicadas na Educação Infantil no período entre 4 e 6 anos, será apresentada a metodologia oferecida pelos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, que aponta o ensino da arte como uma linguagem que tem estrutura e características próprias, cuja aprendizagem se dá por meio de articulações dos seguintes aspectos:

**Fazer artístico** — centrado na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal.

**Apreciação** — percepção do sentido que o objeto propõe, articulando-o tanto aos elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver, por meio da observação, a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores;

**Reflexão** — considerado tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas. (BRASIL, 1998, p.89)

Os conteúdos são organizados, pelo Referencial Curricular para a Educação Infantil, em dois blocos: o fazer artístico e a apreciação em artes.

#### **O fazer Artístico**

- Criação de desenhos, pinturas, colagens, modelagens a partir de seu próprio repertório e da utilização das linguagens das artes visuais: ponto, linha, forma, cor, volume, espaço, textura, etc.
- Exploração e utilização de alguns procedimentos necessários para desenhar, pintar, modelar, etc..
- Exploração e aprofundamento das possibilidades oferecidas pelos diversos materiais, instrumentos e suportes necessários para o fazer artístico.
- Exploração dos espaços bidimensionais e tridimensionais na realização de seus projetos artísticos.
- Organização e cuidado com os materiais no espaço físico da sala.
- Respeito e cuidado com os objetos produzidos individualmente e em grupo
- Valorização da própria produção, das outras crianças e da produção de arte em geral. (BRASIL, 1998, p. 99)

É durante o fazer artístico que as crianças poderão criar as suas próprias produções. Um período de exploração e conhecimento das diversas possibilidades de criação. O professor poderá enriquecer este momento, apresentando aos alunos os diferentes tipos de materiais como: lápis preto, lápis de cor, lápis de cera, giz, carvão, canetas, tintas, etc. e suportes como: caixas, latas, diferentes tipos de papéis, papelões, retalhos de tecidos, plásticos, lixas, terra, etc.

Como apresentado na imagem abaixo (figura 08), em uma atividade feita em casa, disponibilizei para Ana e Helena, tintas de cores variadas, pincéis, rolinhos e como suporte a telha. Durante a atividade as duas se deliciaram com a mistura das cores e o deslize do pincel em um suporte diferente. Esta atividade pode ser uma boa alternativa a exploração destes materiais alternativos presentes no nosso dia-a-dia.



Figura 08: Pintando na Telha  
Ana e Helena, 04 anos  
Fonte: Arquivo pessoal, 2010

Quanto à apreciação em Artes, os Referenciais Curriculares Nacionais apontam:

#### **Apreciação em Artes Visuais**

- Conhecimento da diversidade de produções artísticas, como desenhos, pinturas, esculturas, construções, fotografias, colagens, ilustrações, cinema etc.
- Apreciação das suas produções e das dos outros, por meio da observação e leitura de alguns dos elementos da linguagem plástica.
- Observação dos elementos constituintes da linguagem visual, ponto, linha, forma, cor, volume, contrastes, luz, texturas.
- Leitura de obras de arte a partir da observação, narração, descrição e interpretação de imagens e objetos.
- Apreciação das Artes Visuais e estabelecimento de correlação com as experiências pessoais. (BRASIL, 1998, p. 103)

Este será o momento de apreciar e refletir sobre os mais variados tipos de produção artística. Apresentar imagens e extrair os fatos observados dos alunos através de questionamentos como: “O que você mais gostou? Como o

artista conseguiu estas cores? Que instrumentos e meios utilizou? Perguntas que instiguem o olhar das crianças e os seus interesses.



### 3. METODOLOGIA E ENSINO DA ARTE.

Perante as informações apresentadas no capítulo anterior, consideramos que o ensino da arte é muito importante para o desenvolvimento infantil. As crianças estão em constante procura de novidades, por isso tem necessidade de tocar nos objetos de experimentar novas sensações de descobrir novas possibilidades, portanto é nessa fase que o contato com a arte pode ser extremamente positiva para o seu desenvolvimento.

As crianças são extremamente curiosas, são maravilhadas pelo aprender. Segundo Rubem Alves no seu artigo “*Curiosidade é uma Coceira na Cabeça*”, para as crianças o mundo é um vasto parque de diversões. As coisas são fascinantes, provocações ao olhar. Cada coisa é um convite: “Entre em mim! Venha viajar!”. Mas, para que o ensino da arte faça realmente sentido e estimule esta curiosidade é importante que a experiência vivenciada seja realmente significativa.

Segundo Gillo Dorfles (citado por MARTINS, 1998 p. 128): “toda a nossa capacidade significativa, comunicativa e fruitiva é baseada em experiências vividas”, ou seja, somente as experiências significativas vivenciadas serão realmente somadas no aprendizado da criança.

Portanto o papel principal neste processo de aprendizagem é do educador. Segundo Mirian Celeste Martins “É do entusiasmo do educador que nasce o brilho dos olhos dos aprendizes. Pois o educador é aquele que prepara uma refeição, que propõe a vida em grupo, que compartilha o alimento, que celebra o saber.” (MARTINS, 1998, p.129)

Ou seja, o educador tem que ter iniciativa de promover atividades instigantes, ser voraz ao pesquisar coisas novas, ter o desejo de ensinar e fazer do ensinar um momento mágico. Mas sabemos, perante as informações anteriores, que para o ensino em artes ser de fato satisfatório dependemos de muitas variantes que vão desde a formação dos professores, da metodologia por eles utilizada, do currículo inflexível e da instituição que por sua vez considera as aulas de arte hora de lazer. Neste caso, o educador fica sem liberdade de inovar em seu ensino, pois está amarrado a seguir o currículo escolar.

Repensar este ensino é a proposta deste projeto. Este assunto já vem sendo discutido por alguns autores que discordam da maneira como o ensino da arte é trabalhado na educação formal. Estes estudos me darão embasamento para apresentar uma proposta de reestruturação da prática em artes, primeiramente no que se refere à educação de minhas filhas, que é o que está ao meu alcance neste momento.

Relatos apresentados por Madalena Freire, na sua obra “A Paixão de Conhecer o Mundo”, em 2001, me parecem uma ótima proposta de ensinar.

Madalena Freire consegue envolver seus alunos, seguindo uma metodologia lúdica, rica em diálogos, promovendo atividades a partir de elementos do cotidiano, de maneira livre, com interação completa entre educador, alunos e pais. De acordo com seus relatórios podemos perceber que ela tinha inteira liberdade tanto nos trabalhos desenvolvidos dentro da escola como na exploração de ambientes fora da escola.

Apesar de parecer a metodologia ideal para o trabalho com arte nas escolas, pouco ou nada se tem feito neste sentido, prevalecendo a proposta de

utilização de cadernos prontos com imagens estereotipadas. Este fato pôde ser observado através da análise das atividades das minhas filhas durante os três últimos anos nas escolas em que estudaram (um ano em escola particular e dois anos em um Centro de Educação Integrada (CEI) de Curitiba)

. Mas como abrir os olhos das instituições de ensino quanto à perda de experiências significativas que estão proporcionando aos seus alunos? Que o ensino programado, ocasionará dano a fascinante curiosidade das crianças transformando-as em adultos limitados. Segundo Rubem Alves no seu artigo *“Perguntas de Criança”*, adultos “felizes com as águas do ribeirão conhecido... Ribeirões diferentes as assustam, por medo de se afogarem”, ou seja, adultos confinados, totalmente restritos a mudanças.

A autora Silvia Sell Duarte Pilloto apresenta em seu artigo *“Propostas para Arte na Educação Infantil”* que uma pesquisa realizada pelo Programa Institucional Arte na Escola (PIAE) da Universidade de Joinville (Univille) tem apontado a necessidade de novos constructos\* para a arte na educação infantil, nas quais haja a total integração do profissional da educação infantil, do profissional da arte, das crianças, da instituição e da comunidade.

Segundo Pilloto esta abordagem tem se mostrado eficiente na educação infantil na Itália.

A abordagem do ensino Reggio Emilia tem como conceitos a flexibilidade do currículo, autonomia e a interação entre as crianças, pais, educadores, comunidade e instituição, enfatizando a importância das linguagens da arte como forma de conhecimento e expressão. O objetivo deste método é a introdução de projetos no currículo de crianças de 3 a 6 anos. A elaboração destes projetos, segundo a autora, parte de algo que já é, de certa

maneira, familiar às crianças, ou seja, elas próprias contribuem com o projeto partindo de suas experiências e sugerindo questões a serem ilustradas.

Prática esta muito semelhante à desenvolvida por Madalena Freire durante a “hora da conversa na roda”. Este tipo de exercício aproxima o educador dos seus alunos, o que torna a aprendizagem muito mais interessante. Estes modelos de ensino apresentaram resultados positivos. A idéia não é copiar o modelo, mas partir das experiências destes autores e professores para criarmos as nossas propostas pessoais.

A escolha pelo ensino da arte através de projetos é pela profundidade que este tipo de método propõe. O trabalho com projetos oferece subsídios para diálogos entre os adultos e crianças. Nele existe a participação ativa de ambas na formulação e solução de problemas. Segundo Fernando Hernandez “nesta forma de conceber a educação, os *estudantes* (a) participam de um projeto de pesquisa, que tem sentido para eles e elas e utilizam diferentes estratégias de pesquisas; (b) podem participar do processo de planejamento da própria aprendizagem, e (c) lhes auxilia a serem flexíveis, reconhecer o “outro” e compreender ser próprio meio pessoal e cultural. ”(HERNANDEZ, 2000, p.183).

Ao se tratar de um projeto elaborado pensando no ensino da arte para a educação infantil é importante que este projeto tenha duração de quatro semanas, pois há um maior aprofundamento no tema. Sabemos que as crianças são curiosas e aptas para explorar a fundo. Diante de um objeto ou uma pintura, são capazes de perceber e interrogar cada detalhe. Portanto o envolvimento em um projeto de longa duração possibilitará a essas crianças uma melhor expressão e comunicação de suas idéias.

Fernando Hernandez divide em tópicos um exemplo de seqüência para a elaboração de um projeto de trabalho:

- \* Parte de um tema ou de um problema negociado com a turma.
- \* Inicia-se um processo de pesquisa.
- \* Busca-se e selecionam-se fontes de informação
- \* São estabelecidos critérios de organização e interpretação de fontes.
- \* São recolhidas novas dúvidas e perguntas.
- \* São estabelecidas relações com outros problemas.
- \* Representa-se o processo de elaboração do conhecimento vivido
- \* Recapitula-se (avalia-se) o que se aprendeu.
- \* Conecta-se com um novo tema ou problema. (2000, p.182)

Segundo Hernandez “o que aparece como distintivo é que aprendizagem e o ensino são realizados por meio de uma trajetória que nunca é fixa, mas que serve de fio condutor para a atuação do docente em relação aos alunos”. (2000, p. 182). Ou seja, um método flexível que estimula a troca de conhecimento, que valoriza cada experiência como se fosse única, respeitando o tempo de cada um.

Para a seleção do tema a ser trabalhado é importante que se faça a “hora da roda”. É neste momento que, de forma descontraída, a troca de idéias vai surgindo. O professor como organizador das idéias vai captando pouco a pouco os interesses da turma e juntos farão a seleção do tema que irão explorar durante a duração do projeto. Após a escolha do tema é hora de investigar.

Vamos imaginar que o tema escolhido seja: “flores”.

A partir deste tema deveremos explorar cada detalhe: como nasce? Onde vive? Para que serve? Quantas espécies diferentes existem? Suas cores, formas e nomes?

Diante destas e vários outras curiosidades que irão surgir poderemos encontrar as respostas pesquisando livros com imagens, vídeos que exploram

este tema, um passeio num jardim para entrar em contato direto com este elemento, tocar, cheirar, sentir a sua textura, etc.

Poderemos, durante o início da investigação, plantar uma semente, a qual será acompanhada o processo de germinação da planta.

Após examinar cada detalhe da planta em si poderemos selecionar imagens de pinturas, gravuras, desenhos que contenha flores e explorar as diferentes formas que os artistas se utilizaram para representá-las.

Poderemos também investigar músicas que falam sobre flores; elaborar uma estória através de jogo em que todos participam complementando com suas idéias de maneira espontânea; desenvolver atividade de desenho, colagem, pintura, argila, etc.

Na imagem abaixo (figura 09), Helena utiliza a técnica do desenho para representar as flores. Ela distribui bem os elementos no papel, com equilíbrio e apesar de utilizar as flores com formato padrão ela coloca sua característica na pintura das imagens.



Figura 09: Flores – Helena 4 anos  
Fonte: Arquivo pessoal, 2010

Ou seja, procurar diante de um tema explorar cada linguagem da arte de forma integrada e de maneira lúdica de forma a contribuir para o desenvolvimento de um olhar mais sensível para as coisas que cercam a criança.

Este tipo de método, ou muito parecido, é aplicado no ensino não-formal através de cursos e oficinas ministradas em ateliês ou centros culturais. Estes espaços são devidamente estruturados, planejados para explorar cada linguagem artística. Normalmente estes espaços oferecem cursos e oficinas para crianças acima de seis anos. A esse respeito, sugere-se que novas pesquisas sejam feitas no intuito de aprofundar estas questões.

Além dos fatores apresentados neste projeto como metodologia de ensino e formação de professores outro fator importante é o ambiente que será aplicada as aulas de artes.

O ambiente pode favorecer para a elaboração de um bom trabalho em artes. Grande parte das escolas de educação formal não dispõe de um espaço específico para a disciplina. Mas como deverá ser este espaço? Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a organização da sala, a quantidade e a qualidade dos materiais presentes e sua disposição no espaço são determinantes para o fazer artístico. Este espaço deverá ser amplo, de maneira a acomodar confortavelmente as crianças. Os materiais devem estar de fácil acesso. O ambiente deve ser agradável, decorado de forma harmoniosa para que influenciem ou ativem o desejo de produzir e o prazer de estar neste local. Deve, além disso, favorecer o andar, o correr, o brincar.

Na imagem abaixo (figura 10), um exemplo de espaço específico para as aulas de arte. Um ambiente amplo, harmonioso, com mesas grandes bem distribuídas.



Figura 10: Atelier

Fonte: [www.atelieinfantilfazendoarte.com.br](http://www.atelieinfantilfazendoarte.com.br)

Para a educadora Maria da Graças Souza Horn, a organização dos espaços nas escolas infantis pode ajudar às crianças na construção da própria identidade e descentralizar a figura do adulto. Em sua pesquisa procurou saber se ao modificar o espaço das atividades educativas a prática pedagógica também sofria mudanças. Constatou que conforme as salas são decoradas e os jogos e materiais são distribuídos as crianças tomam autonomia para se organizar no ambiente, adquirem conhecimento sobre sua personalidade e começam a formar sua personalidade, ou seja, um espaço bem organizado pode ser um bom aliado para os educadores. (HORN, 2004)

Durante esta pesquisa, pude verificar, em uma escola de educação infantil que a professora estava tentando aplicar uma atividade de pintura em uma sala de aula com as carteiras dispostas de maneira convencional (uma atrás da outra) e esta atividade era desenvolvida nos corredores estreitos entre



uma fileira e outra de carteiras. Percebeu-se que as crianças não conseguiam produzir de maneira solta e a educadora também não estava à vontade para a execução da proposta.

Na imagem abaixo (figura 11) um exemplo de atividade num ambiente específico para a atividade artística. Percebe-se que as crianças estão produzindo de maneira solta, um contribuindo para o trabalho do outro.



Figura 11: Atelier 2

Fonte: [www.atelieinfantifazendoarte.com.br](http://www.atelieinfantifazendoarte.com.br)

Deve-se levar em consideração também com relação às regras da escola. Em muitas instituições de ensino arrastar as carteiras pode ocasionar desordem na aula. Este problema não aconteceria se existisse um espaço apropriado (*Ateliers*) para as aulas de artes. Nas salas ambientes, segundo Celeste (1998 pg. 145) é interessante adequá-las para o trabalho com diferentes linguagens artísticas, equipando com bancadas, mesas, cavaletes, prateleiras, araras, aparelhos de som, gravador, rádio, vídeo, tevê, projetor,

spots. Os diferentes materiais como: papéis, pincéis, lápis, caneta hidrográficas, tintas, giz de cera, goivas, tecidos, argilas, cola, tesoura, roupas, acessórios e maquiagem. É importante também formar um acervo de imagens, músicas, vídeos, ou seja, tudo que possa alimentar o ensino desta linguagem.

Outra observação importante é que o ensino da arte não precisa ser limitado somente dentro de sala. O passeio na escola, nos jardins e nos seus arredores pode ser um bom exercício de exploração, percepção e imaginação.

Mas é importante ressaltar que o ambiente pode ser um bom aliado para as praticas artísticas, mas uma boa sala não garante uma boa aula. É o professor comprometido com o processo de ensino e aprendizagem, que será fator determinante para que a prática seja realmente significativa.

Portanto é importante que a escola repense sua metodologia, respeitando o processo de criação e desenvolvimento de cada criança, explorando as linguagens artísticas de maneira livre e possibilite vivencias significativas, com interferências produtivas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar diante das questões apresentadas nesta pesquisa que a discussão sobre o ensino da arte na Educação Infantil é válida e já vem sendo debatida por vários autores e professores.

Está claro que o ensino da arte na educação infantil deve ser analisado e reestruturado, no que se diz respeito à formação dos professores (que nesta fase, muitas vezes, não tem formação na área), metodologia para a aplicação desta disciplina e principalmente, quanto à valorização do ensino da arte como atividade importante para o desenvolvimento social, físico, intelectual, emocional, estético, perceptual e criador da criança.

Além das atividades feitas na escola, o trabalho em casa pode ser de grande importância para o desenvolvimento da criança. Pais bem orientados podem garantir experiências significativas, incentivando a criança a vivenciar momentos que podem ser extremamente importantes para o trabalho com o potencial criador e imaginativo da criança.

Percebe-se que outro fator importante é o ambiente onde serão desenvolvidas estas atividades. Seria interessante que as escolas pensassem num ambiente planejado na qual os alunos tivessem à sua disposição diversos materiais para explorar as mais variadas linguagens artísticas.

Todos estes aspectos podem ser mais explorados através de pesquisas de observação através de acompanhamento nas aulas de arte nas escolas de educação infantil e nos ateliers livres recolhendo materiais e informações que revelem as diferenças quanto ao ensino e quanto ao desenvolvimento cognitivo das crianças.

Conclui-se que arte na educação infantil, trabalhada na perspectiva de projetos de trabalho, pode contribuir para o desenvolvimento da capacidade de criação da criança que está na educação infantil.

Pretendo me aprofundar mais sobre o assunto e me capacitar através de cursos de capacitação e aperfeiçoamento na área.

## 5. REFERENCIAS

ALVEZ, Rubem. *Curiosidade é uma coceira na cabeça*, disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/curiosidadeeumacoceiranacabeca.htm>

ALVEZ, Rubem. *Pergunta de Criança*, disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/perguntasdecia%E7a.htm>

BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e Prática da Educação Artística*, São Paulo, Cultrix, 1990.

DUARTE JUNIOR, João - Francisco. *Fundamentos estéticos de educação*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora*. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 2001.

HERNANDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas Sul, 2000

HORN, Maria da Graça de Souza. *Sabores, cores, sons, aroma. A organização dos espaços na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOWENFELD, Viktor; MAILLET, Miguel (Trad.). *A criança e sua arte: um guia para os pais*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1970

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. *Didática do ensino da arte: A língua do mundo: Poetizar Construir e Conhecer a arte*. São Paulo. FTD. 1998

MATOS, Raimundo de Leão. *Arte no espaço educativo*. Disponível em: [http://caracol.imaginario.com/paragrafo\\_aberto/rml\\_arteduca.html](http://caracol.imaginario.com/paragrafo_aberto/rml_arteduca.html). Acesso em 02/02/2010

O Salto da Educação Infantil, Gazeta do Povo: disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/ensino/conteudo.phtml?id=923624>, acesso em 01/04/2010.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. *Referenciais Curriculares para a Educação Infantil*. Vol. 3, Ministério da Educação – Brasília: MEC, 2000.

PILLOTO, Silvia Sell Duarte. *A arte no contexto da educação infantil na região de Joinville*, disponível em [www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/thiago\\_martins.pdf](http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/thiago_martins.pdf)

PILLOTO, *Silvia Sell Duarte*. *Propostas para a arte na educação infantil*, disponível em:  
[http://www.artenaescola.org.br/pesquise\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=24](http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=24)

SANS, Paulo de Tarso Cheida. *A criança e o artista: fundamentos para o ensino das artes plásticas*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.